

Revista de Literatura,
História e Memória



Seção:

Pesquisa em Letras no contexto
Latino-americano e
Literatura, Ensino e Cultura

ISSN 1983-1498

v. 18 – n. 32 – 2022

UNIOESTE/CASCAVEL - p. 270-293

HISTORICIDADE DOS MEMES, AUTOMATIZAÇÃO DA MEMÓRIA, COMICIDADE: UMA REFLEXÃO CRÍTICA EM CONTEXTO DISTÓPICO

**Memes historicity, memory automation, comicality: a
critical reflection in a dystopian context**

Rodrigo Tavares Godoi¹

RESUMO: Historicidade e memória possuem relação intrínseca nesta discussão a partir dos memes e da automatização. Em relação aos memes, sua apreensão oscila entre metáfora genética e memética (da internet) incluindo a comicidade como classe complementar dos memes, considerando o contexto brasileiro. Na aproximação entre meme e comicidade, concentra-se a problemática da automatização da memória sob a tensão da massa-disposição e interação cibernética. Nessa dimensão tensionada da automatização existe

afastamento do conceito de distância (histórica), distinção entre ambivalência e complementaridade por atestar uma historicidade memizada sob a perspectiva da sistemática da história. Para o termo historicidade memizada, a ideia é apreender significações do histórico não limitado às práticas analíticas da história em contexto distópico. Atualmente, os conceitos de distância (histórica) inerente à analítica da experiência da historicidade e massa-disposição de Aleida Assmann se tornam insuficientes para a interpretação da memória porque há a defesa de pares antitéticos e não ambivalência de complementaridade entre experiência de historicização e retorno subjetivo.

PALAVRAS-CHAVE: Historicidade dos memes; Automatização da memória; Comicidade.

ABSTRACT: Historicity and memory have intrinsic relationship in this discussion from memes and automation. In relation to memes, their apprehension oscillates between genetic metaphor and memetic (of the internet) including comicality as a complementary class of memes, considering the Brazilian context. In the approximation between meme and comicality, the problem of memory automation under tension of mass-disposition and cybernetic interaction is concentrated. In the tensioned dimension of automation there is a departure from the concept of distance (historical), distinction between ambivalence and complementary for attesting a memized historicity from the perspective of the systematic of history. For the term memized historicity, the idea is to apprehend historical meanings not limited to the analytical practices of history in a dystopian context. Currently, the concepts of distance (historical) inherent in the analytic experience of historicity and mass-disposition of Aleida Assmann become insufficient for the interpretation of memory because there is a defense of antithetical pairs and there is no ambivalence of complementarity between the experience of historicization and subjective return.

KEYWORDS: Memes historicity; Memory automation; Comicality.

Poderemos “recordar” coisas sem as “conhecer”?
James Fentress e Chris Wickham

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), professor de Teoria e Filosofia da História da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), coordenou do projeto de pesquisa “Usos e Abusos da Memória: um problema de metodologia para a história” sob o financiamento da FAPERO (2018-2021) e coordena o projeto de pesquisa “Pensar a Memória: da relação entre evento e estrutura” (PROPESq/UNIR). Agradeço as contribuições dos colegas Eduardo Gusmão de Quadros e Aruanã Antonio dos Passos. E-mail: rodrigo.godoi@unir.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5914510206524501>.

INTRODUÇÃO

Discutir a ideia de historicidade dos memes e automatização da memória em contrariedade ao conceito de distância (histórica) parece arriscado. Ainda assim, esta reflexão pretende se arriscar como modo de discutir uma ritualização da memória a fim de preservar a automatização nos limites da hermenêutica, dissociando-a da metáfora genética e da interação cibernética. Desta forma, nosso interesse está em refletir e apresentar discussão em relação aos memes e para a comicidade sob a denominação de historicidade memizada. Logo em seguida, fazer tensão à história/memória, na ideia de duas recordações, sob a defesa de ambivalência de complementaridade (ASSMANN, 1991).

Parece-nos que para adentrar nessa reflexão, é-nos requerida uma perturbação de sentido quanto à defesa de uma história crítica diante a automatização como processo energético da memória (massa-disposição). Essa aporia coloca em desajuste a relação de sentido entre experiência de historicização e retorno subjetivo. E para conseguir avançar nessa discussão, a historicidade memizada cumpre um papel decisivo na função de uma automatização não verossímil, mas como acréscimo ao real desprendido do retorno subjetivo como atualização (lembrar/esquecer) entre corpos virtuosos e biológicos – um processo arqueológico e escatológico (ASSMANN, 1991).

Essa aporia da qual se tem como base e na colocação da automatização como condição não verossímil, implica na cotidianização da história em meio a disputas pela memória. E essas disputas estão sendo entendidas através de manifestações que incluem a comicidade e os memes. Então, como percurso de expectativa, esta reflexão irá se fragmentar em dois momentos complementares nos quais os memes se fazem como metáfora genética, ou seja, ideias de replicação e memética da internet (DAWKINS, 1981; 2016; MILNER, 2012). Esse momento dos memes pretende circular o imediato sob um caminho não verossímil – ao modo bergsoniano – produzindo um efeito de imediato como automatização – contrariando o conceito de massa-disposição de Aleida Assmann. A automatização está para ausência de propósito e limitação ao agente participativo no contexto de replicação e *on-line*. No segundo momento da discussão, o objetivo é apresentar uma reflexão na qual esse contexto dos memes e da comicidade afetam, diretamente, o interesse pela história. Desinteresse que expõe o pensamento histórico a um cotidiano que replica perda de sentido histórico, ausência de visibilidade da história e realidade sem densidade por dissociar experiência de historicização e retorno subjetivo.

HISTORICIDADE MEMIZADA

Observando o cenário brasileiro do atual populismo de direita através dos memes, podemos identificar em nossa historicidade perda na massa-disposição da automatização da memória em virtude de funções energéticas das virtuosidades dos corpos. Essa perda decorre da alienação entre dados e sentido no cotidiano. Ou seja, não são as temporalidades múltiplas inerentes aos constantes agora que importam porque as disputas pela memória estão perdendo suas relações estreitas com a ideia de memória comunicativa sob o viés de uma consciência ou cultura histórica (RÜSEN, 2009; 2015; KOSELLECK, 2000; HEIDEGGER, 2009). Essa historicidade está cedendo lugar a um tipo de automatização ambivalente antinômica entre proposição intencional e replicação não consciente (DAWKINS, 2016). Entretanto, esta afirmação somente pode ser realizada a partir da dissimulação do real. A reconstituição de sentido ou complementaridades (ambivalência) entre experiência de historicização e retorno subjetivo parece estar desfeita (ASSMANN, 1991). Na expectativa do tempo no cotidiano, a historicidade prende-se ao regime do relógio (tempo homogêneo) ou da interação em rede. A historicidade memizada nos induz a racionalizar a partir de cortes não epistêmicos pela distopia do tempo como recusa a pares antitéticos, onde a circunstância se banaliza em relação ao evento e a estrutura (HEIDEGGER, 2009; KOSELLECK, 2006).²

O verso e reverso do tempo como conjunção mecanizada da vida implicam na justaposição dele como superposição do espaço (*on-line*/tempo homogêneo).³ Com essa afirmação pretende-se dizer que estamos obrigados a lidar com cortes do tempo, na memória, sob a dissimulação. A partir do momento em que há a sensação da comicidade como acréscimo da realidade, e não empréstimo, a historicidade reduz-se ao regime de signos

² Nesta reflexão, a compreensão da distopia está sob o rasgo entre experiência e expectativa. A perda do futuro ameaça o sentido e os contínuos agora relativiza a realidade a tal ponto que todas as formas narrativas passam a ocupar o mesmo poder de fala e de veto. Esse poder de decisão moral, ainda que sob a coexistência, não é capaz de retirar o risco de superposições narrativas por meio de representações discursivas. Essa moralização da história representa seu luto em período pós-moderno. Esse enlutar da história aponta para a ausência na experiência histórica ou perda do homem (narrativo). Essa perda encobre o próprio si do eu (homem) enlutado. A morte do eu (sujeito) reafirma a desorientação do homem que vive sob as sombras da inocência, de um lado, e da culpa ou vergonha, de outro. Essa fórmula moralizante da história produz uma contradição, sob o ponto de visto do perdão, pois a vítima tende a sentir-se superior ao algoz, porém, esse sentimento reforça seu próprio sofrimento. Essa lógica da história moral que se vive na pós-modernidade coloca o passado em permanente fardo e, como consequência, retira a perspectiva de futuro. Há um presente do passado no presente que amarga e que causa dor, por isso, a memória se torna refém do passado imediato, moral, sob um “nunca mais”. Essa comemoração da perda produz o desequilíbrio de natureza, se assim podemos dizer, entre história/memória (KOSELLECK, 2006; RÜSEN, 2009).

³ Nesse momento nos aparece a conformação do conceito de representação em Henri Bergson por vinculá-la a simulação de duração. Um parecer não verossímil do real decorrente de aplicações de superficialidades, do virtual como visual e interatividade que simula um encontro com o eu. Uma identidade que cada um estabelece a partir dessa relação de interação da experiência estética contornada em temáticas imagéticas, signos descentrados, discursos, contextos virais/cibernéticos (BERGSON, 2011b; MILNER, 2012; DERRIDA, 2005).

imagéticos como mimética (*même*) de suas circunstâncias distópicas (DAWKINS, 1981; 2016; MILNER, 2012). Nesse caso, a dissimulação na memória carece de uma especificação mais adequada e para isso podemos atestar que ela, na condição idiossincrática, depende de um processo que inclui e ultrapassa a moralização como protesto – o que perpassa o recalque ou desejo morto – por viabilizar a automatização da memória na relação entre piada e cômico (LACAN, 2001; FREUD, 1991).

Existe intratemporalmente manifestação de passados que extrapolam as dimensões do conhecimento regulado e controlado metodicamente. Passados nostálgicos que insistem em manifestar experiências estéticas (pragmáticas) que confundem face a face com *déjà dit*.⁴ Então, essa temporalização das temporalidades conduz para relações não compreendidas sob os caminhos da obra de arte, por exemplo, por ignorar o anacronismo entre criação artística e artista. A arte reduz-se a seus temas contornados e controlados pelo artista a partir de suas definições. O histórico refaz-se sob uma temporalização de reprodução ou retorno (HEIDEGGER, 1962; WORMS, 2003; BOURDIEU, 2014).

Para dar formatação ao implícito na historicidade memizada, convidamos a nos acompanhar pelo retorno ao etólogo Richard Dawkins. Suas afirmações nos possibilitam pensar na inviabilidade do conhecimento como transmissão, acúmulo ou produção aos moldes da analítica. Então, se o conceito de distância (histórica) não possui mais fôlego nessa cotidianização do saber científico, significa que ela está imputando uma espécie de veto para as metodologias que visam enquadrar a memória sob o crivo da passividade ou suspeita por limitá-la à dimensão da cópia e do armazenamento orientado por percepção enfraquecida (FENTRESS; WICKHAN, 1992; HALBWACHS, 2002). Nessa medida é que começamos a mencionar a relação estabelecida por Dawkins entre genes e cultura como forma de definir o conceito de meme.

A nova sopa é a sopa da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de *imitação*. ‘Mimeme’ vem de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como ‘gene’. Espero que meus amigos classicistas me perdoem se eu abreviar mimeme para *meme*. Se serve de consolo, pode-se pensar, alternativamente,

⁴ Neste momento não estamos incluindo discussões relacionadas à implantação de dados que replicam as sensações decorrentes de algoritmos criados especificamente para essa finalidade. Inundação de anúncios ou dados que simulam sentido, programados para encher nossas redes sociais via *e-mail*, *facebook*, *twitter*, *instagram*, dentre outros. Uma ação análoga à metáfora genética (DAWKINS, 2016; MILNER, 2012). Porém, nesse caso, essa programação é intencional para produzir a replicação da interação (cômica ou não). Como exemplo, no ano de 2020 foi produzido um documentário pela Netflix que retrata essa condição da automatização e limitação da participação criativa intencional dos usuários: O Dilema das Redes.

que está relacionado à ‘memória’ ou à palavra francesa *même*. Deve ser pronunciado para rimar com ‘creme’ (DAWKINS, 2016, p. 328). (Tradução livre do autor).

Foi atribuído a Dawkins o mérito de ter cunhado o termo meme, na década de 1970, com a finalidade de replicar. Entretanto, o jogo realizado entre *mimeme* e *même*, quer significar a existência de conservação ou armazenamento colocando a memória na condição de arquivo ou uma duração espacializada. Isso porque não se pode conceber, como atestou Dawkins, que a imitação seja estanque ou que não sofra transformação e evolução na replicação. Então, para lidar com o meme precisamos concentrar a atenção para a evolução enquanto se imita na replicação. Essa observação demonstra a junção realizada entre o adjetivo mesmo e conservação de significação como manifestação comunicativa. Em outras palavras, essa forma de conceber a memória como mimética a inclui sob a determinação de sensação em efeito. Ou seja, não se está considerando elaborações de enquadramento da memória em torno de fonte para o conhecimento, mas da memória como instante.

O meme institui na memória sua relação direta com um instante da sensibilidade que recoloca a questão: poderemos “recordar” coisas sem as “conhecer”? (FENTRESS; WICKHAM, 1992). Aqui, há uma encruzilhada para a compreensão da memória que interfere diretamente naquilo que fazem os historiadores e à exigência de uma experiência estética do cotidiano. Mas, antes, precisamos reconhecer que a ideia de meme em Dawkins está diretamente sob a replicação análoga entre genes e cultura. Isso significa que mesmo falando de instante da sensibilidade, existe uma raiz a ser considerada importante: replicação como imitação. Ou seja, a imitação preserva unidade genética ainda que em alteração. Essa unidade pode ser traduzida como herança involuntária ainda que sofra mudanças fisionômicas como cor da pele, altura e outras mais. No caso da cultura, ainda que os traços culturais insistam em permanecerem intactos – como a mimética de canções que definem grupos ou comunidades –, não se podem negar as transformações realizadas no seu interior decorrente de transmissões orais (DAWKINS, 2016; FENTRESS; WICKHAM, 1992).

As transformações ocorridas nos processos miméticos da cultura compensam-se pelo inevitável, a evolução. O tempo histórico condiciona a transformação na cultura sob uma evolução não correspondente com a mística, segundo Dawkins. Essa evolução é da natureza da cultura sob uma força que independe de programação metafísica. Então, como gene, a defesa é para a capacidade de imitação e como cultura, à transmissão. Uma relação entre corpos que, na transmissão, as sensibilidades encarnam uma identidade que simula estática e fidelidade. Então, essa força da imitação ou da transmissão decorre de um processo intrínseco

como herança determinista de uma evolução que dá sentido de propriedade em mesmo tempo que preserva distinção na unidade. Existe uma dinâmica que deve ser compreendida sob as questões da: longevidade, fecundidade e cópia-fidelidade (DAWKINS, 2016). Em relação ao meme inclui-se:

Exemplos de memes são melodias, ideias, frases de efeito, modas de roupas, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Assim como os genes se propagam na apuração genética saltando de corpo para corpo por meio de espermatozoides ou óvulos, de tal modo, os memes se propagam na apuração de memes saltando de cérebro para cérebro por meio de um processo que, em sentido amplo, pode ser chamado de imitação (DAWKINS, 2016, p. 328). (Tradução livre do autor).

O meme preserva unidade na transmissão evolutiva sob o princípio de conservação e armazenamento. A relação com o cérebro está diretamente ligada a essa manifestação transmitida que molda a memória à sensação de propriedade. Mesmo assim, não se pode esquecer que Dawkins baseou-se no raciocínio decorrente do darwinismo. E essa constatação decorre de reconhecer que sua perspectiva aproxima-se de uma distinção entre imediato e involuntário. Análogo a isso, é possível compreender que o meme defendido por Dawkins não seja o que se tem atualmente como Dawkins meme da internet.⁵

Bem, essa passagem produz uma distinção entre o que se tem como meme a partir de Dawkins e atualmente na internet. Ainda assim, não se pode negar a raiz que reporta à mimética ou replicação como uma estrutura viral. Também, não se pode negar que há, incontestavelmente, uma ideia em transmissão permanente. Entretanto, a crítica da qual se apresenta a partir dos estudos meméticos está no fato de Dawkins não ter considerado a condição interativa dos memes como produção ou criação no mundo virtual. As redes *on-line* criaram um mecanismo onde a replicação depende de relações de participação cultural mediata ou cultura participativa (MILNER, 2012). Incluem nesse processo interativo produções amadoras que interagem nos contextos *on-line* cujos artefatos virais movimentam-se em meio a realidade social. Ou seja, considera-se a existência de memes da internet

⁵ A plasticidade entre meme e meme da internet se faz a partir do discurso público. Os memes da internet tomam a realidade sob o juízo simpático ou antipático em relação aos discursos. Em nossa reflexão, esses memes da internet se radicalizam na comicidade em decorrência da cultura de participação mediata (MILNER, 2012). Inauguramos nossa discussão com Dawkins a fim de identificar a raiz terminológica. Entretanto, no espaço dos discursos, coletividades são manifestas em suas multiplicidades identitárias motivadas pela experiência-percepção (ANKERSMIT, 2005). Considerando esse lugar comum de ambas, compreende-se um apelo à metáfora do eu poder dizer (posso/querer) e esse apelo impõe um paradoxo na expressão. Em mesmo tempo que visa destituir de sentido as metanarrativas pelo reforço polifônico participativo (especializado ou amador), a temporalidade desautoriza a equidade entre o dizer e a coisa referida – como tentativa de antecipar-se à linguagem (DERRIDA, 1993).

coletivos que se contrapõem a mecanização memética por dar espaço para a criação humana consciente e proposital – para além da especificação de uma metáfora genética ausente de ideia proposital (DAWKINS, 2016; MILNER, 2012).

A ideia de automatização dos memes da internet tende a limitar os contextos virtuais que representam, atualmente, agentes participativos que disputam com as narrativas estruturantes ou narrativas dominantes. O que se tem é a prescrição de movimentos interativos como múltiplas interpretações da realidade social produzindo uma descentralização do conceito de historicidade sob as bases da analítica. Como meio comunicativo que pode viralizar nas redes, a historicidade se constitui sob os mecanismos de negociação de interpretações com outros. Em uma frase específica: a mídia participativa dá poder a você como uma espécie de democratização digital. Essa manifestação de perceber a realidade ou contextos do real se organiza sob a distopia, pois insere os participantes da/cultura digital. O que se tem é diferentes vozes atuando e negociando participações e representações que chegam a micro-níveis mediatos de engajamento que, com isso, a definição de meme da internet se dá pela participação midiática reprimindo as reivindicações de mundo fora da linguagem (MILNER, 2012; ANKERSMIT, 2005; 2012).

Essas passagens nos permitem racionalizar alguns elementos da historicidade por concentrar atenção à dissimulação dela. Os memes da internet dissolvem qualquer princípio que esteja relacionado com demonstração empírica, seja ela de ordem analítica ou dialética (paradigmática ou hermenêutica). Os signos perdem sua relação conceitual de presença-ausência, a realidade que se reivindica em sua conceituação se torna permanentemente desterritorializada (RICOEUR, 2000; DERRIDA, 2005).⁶ A ideia de histórico corre o risco de equívocos quando busca nos memes da internet reterritorializar ideias/imagens a contextos decorridos ou responder a protensões do passado fora da moralização. A historicidade memizada impõe uma nova forma de perceber a temporalização não limitada aos utensílios teóricos (CANDAUI, 2011). Essa historicidade possui uma significação dada: toda tentativa de apreender sentido diante o fardo do passado, será expropriada como forma de territorialização memética por dissociar experiência do tempo de racionalizações transcendentais, substanciais ou comparativas que estejam fora da estrutura interna dessa historicidade (memizada).⁷

⁶ Em suas observações sobre a representação, Jacques Derrida atestou que no cotidiano, as pessoas não se ocupam com conceitos. Sob as estratégias de performances (estéticas) e performativas (políticas), as representações se orientam sob uma espécie de campo de batalha travado no interior de cenários cujas referências estão desautorizadas (BENTO; GODOI; QUADROS, 2022).

⁷ Esse regime de signo que imputa nova historicidade sugere filiação perigosa para a defesa de uma história moralista por replicar os papéis de vítima e algoz. Um tipo de história onde o sofrimento se faz necessário, seja para energizar a memória, seja para reivindicar justiça (RÜSEN, 2009). Por outro lado, há apego a elementos

Visar compreender os memes da internet como engajamento social (moral) é pensado a partir de uma ambivalência antinômica que se aproxima da ritualização do real – uma questão difícil de apreender quando há ambiguidade entre acréscimo e empréstimo. Por exemplo, enquanto acréscimo do real as estratégias de responsabilização da atual presidência do Brasil são minadas a partir dos memes da internet que replicam uma ideia automatizada de desmobilização da crítica à proletarização do espiritual e ritualização da política (WEBER, 2013; BOURDIEU, 2014). Além dos memes da internet amadores, existem aqueles especializados para produzir a comicidade como automatização da ideia que se replica e da mecanização da vida por torná-la rígida. Se dermos atenção para as produções do cartunista brasileiro André Guedes nas redes e disseminadas em plataformas como *youtube* e *facebook*, compreendemos essa replicação por ter construído, após as eleições de 2018, a imagem de um presidente infantilizada que atravessa sua vida adulta. Há, sem dúvida, a replicação da complementaridade entre desarmonia e desagradável, pois o absurdo é o motivo da risada (DELAGE, 1919; BERGSON, 2011a; 1919; FREUD, 1991).

Sob as observações de Yves Delage, no final da primeira década do séc. XX, a desarmonia está no fato de todo o pronunciamento presidencial ser reparado por sua imagem infantil como ambivalência de complementaridade. Nas “As Aventuras do Bolsomini” ele é representado como um garoto engajado que, diante as condições sociais de repressão e correção da vida infantil (vida escolar), está limitado a essas intervenções; ainda que se mostre uma criança lúcida e séria, como efeito memético, induz a ideia de futuro (arqueológico) como representação de sua atuação presidencialista. Por outro lado, na representação de presidente, a criança que era reprimida se liberta no momento em que não se sente mais acorrentada pela tradição da retórica maçante – no *slogan* “isso daí”. Nesse momento, pode-se compreender a complementaridade entre desarmonia e desagradável, pois não há responsabilização sob um clamor social porque a oposição ou a exigência de setores sociais são traduzidas pelo riso como negação das pautas reivindicadas (pelos militantes). Em outros termos, o que seria motivo de pena, transfere-se para a fonte do risível como manifestação do egoísmo, pois se pode, simultaneamente, fazer comparação e sentir prazer. Uma combinação entre um egoísmo não individual e o gosto pelas sensações decorrentes de dados de sentido aflorados por elas (DELAGE, 1919).

No exemplo acima, pode-se acrescentar que essa ambivalência de complementaridade do personagem (meme da internet) reporta-se para a consolidação da ausência de indignação.

estéticos desprendidos da ética pelo reforço inconsequente da comicidade (BERGSON, 2011a).

O expectador fica compelido a fazer parte dessas piadas como subclasse do cômico devido ao fato de se atribuir ao presidente uma condição de ingenuidade (dissimulada). Somente pode ser ele risível porque sua manifestação como narrativa o prende interno a ela sem alusão para comparações externas (FREUD, 1991). Ou seja, rir dessas charges faz com que o agente participativo se coloque na condição de quem fez a piada, nesse caso, o cartunista. Como primeira pessoa, coloca o presidente na condição de uma historicidade memizada, pois o ele, que seria *fake*, é um fato do contexto digital que acrescenta o real. Assim, a distância entre *fake* e fato não faz o menor sentido em relação a essa historicidade anunciada. A piada como comicidade, não coloca o absurdo na condição de ruptura como flexibilidade da vida. A desarmonia do efeito em relação à causa não provoca indignação nos militantes que viralizam esses conteúdos indiferentes a ideias de *fake* que se confunde com comunicação e liberdade de expressão. Então, se há indiferença à distância (histórica), o presidente (meme da internet) goza do privilégio de estabelecer o absurdo como forma de eximir-se da ética de responsabilização. Nesse sentido, o cartunista se torna a primeira pessoa que faz a piada, o presidente, como meme da internet, é a segunda e o expectador (agente participativo), a terceira. Entretanto, precisamos pontuar algumas questões nesse sentido.

Colocar o presidente na condição de ingenuidade corresponde a um exemplo dado por Sigmund Freud ao falar de uma peça de teatro encenada por duas crianças (irmãos). Em síntese, dentre um ato e outro, eles representavam um casal que morava à beira mar e, diante as necessidades, o marido lança-se nas águas em busca de riqueza. Como representação, após anos de viagem, ele regressa com riquezas e sua esposa o espera ansiosa para lhe apresentar seus filhos. A plateia, composta pelos tios e tias das crianças, deixou escapar risos como interrupção do silêncio que lhes cabia. Para Freud o riso surge dessa desarmonia existente entre o necessário para a procriação e o absurdo da ideia de conhecer os filhos após anos de ausência. Nesse caso, há relação com o prazer por colocar as crianças na condição de ingênuas. Freud acrescentou que, essa mesma condição pode ser apresentada para adultos ignorantes como representação de infantilização. Nesse caso, independentemente de ser criança ou adulto, a infantilização é comparada com a ingenuidade, ou seja, quando o produtor da piada age sob o duplo sentido e a segunda pessoa apreende-se somente para sua condição do fazer parte da narrativa sem conhecer propósitos secundários. Por isso, o ingênuo permite a risada. No caso do produtor, ainda que haja conscientemente o duplo sentido, ele lhe permite uma mecanização que inibe a emoção e o expectador se permite partilhar dessa condição (FREUD, 1991).

Para continuar nessa orientação, a forma memética da historicidade se torna

indiferente à exigência social da ética de responsabilização porque o presidente que replicam é um desconhecido (re)conhecido na sua versão meme da internet.⁸ No cotidiano, a esperança de futuro se ordena a partir da domesticação da memória sob uma mimética que inclui o você onde o presidente é como a gente! Só se esquecem do maniqueísmo replicado a partir de um inconsciente “não” intencionado, sob a luz da explicação, na terceira pessoa – o recrutamento para combater o mal como é o caso da empresa “Brasil Paralelo”.

Os memes da internet são incontornáveis nesse quesito, a busca explicativa por esse inconsciente é evitada justamente na condição do risível. Então a desarmonia conjunta com o desagradável, como riso, se torna comunicação positiva. E, entendendo o riso sob a crítica de Verena Alberti a Bergson, podemos nos apropriar da ideia do riso na mediada em que há nele a sanção punitiva. Nesse momento, trata-se de polarização social, onde o outro é motivo de piada como desarmonia com a vida. Neste caso, um grupo considera o outro cômico pela sua condição desagradável ao mesmo tempo em que o grupo promotor do riso dissocia-se de uma exigência moral por estar à distância de consequências reais ou naturais em decorrência de suas ações. Entretanto, esse distanciamento da emoção não é partilhado por todos, por isso a comicidade paga seu custo quando a sociedade reage (DELAGE, 1919; BERGSON, 2011b; ALBERTI, 2002).

Essa interação com o presidente da república, esse rompimento da distância entre você (que interage) e o presidente (interação) permite que ele esteja na dimensão do meu. Ele está próximo e faz parte de uma ideia movimentada duplamente: implantado sob os algoritmos ou tradução da esperança contra o mal. Enquanto alguns presidentes se utilizaram de blindagens decorrentes do efeito dominó de ministros como escudos de contenção, na atual presidência os memes da internet se tornam eficientemente essa blindagem – mais especificamente entre os anos 2019-2021. Os signos perderam o centro em relação a uma raiz capaz de apreender relação indissociável entre significante e significado, ou seja, a ideia metafísica da presença

⁸ Aqui podemos fazer uma parada para afirmar que essa ideia de meme é radicalizada na sua condição de internet tanto quanto na função escatológica. Como meme que circula em meio ao cotidiano na expectativa do tempo. Se o primeiro pode causar o riso, o segundo coloca em desequilíbrio a relação entre desajuste e inconveniente. Essa dialética de um presidente meme da internet implica nas batalhas que são travadas tanto no contexto virtual (*online*) quanto nas ruas, nos jornais e no cotidiano como manifestação discursiva. E, como um efeito, a metáfora genética descrita por Dawkins pode nos causar espanto quando as batalhas são travadas a partir de estímulos automatizados. No documentário “O Dilema das Redes”, existem algoritmos programados, mas não controlados, no mundo cibernético que possui a tarefa única e exclusiva de inculcar, no suposto agente participativo, informações que visa alimentar, incessantemente, os cérebros de estímulos (mecanizados) e torná-los como as linhas telefônicas que limitam a participação intelectual. Sua função é permitir que esses dados convertam-se em sentido sem o menor esforço para servirem de descargas estimuladoras. No documentário, há uma analogia dessas ferramentas (algoritmos) com os zumbis. E, para recordar, essa é uma analogia que, por coincidência, não se distancia nas charges de André Guedes (Zumbis em Brasília) ao fazer referência à corrida presidencial de 2018 – porém, essa última na versão cômica.

depende de relações que não seja ela mesma.

Foi então o momento em que a linguagem invadiu o campo problemático universal; foi então o momento em que, na ausência de centro ou de origem, tudo se torna discurso – com a condição de nos entendermos sobre esta palavra – isto é, sistema no qual o significado central, originário ou transcendental, nunca está absolutamente presente fora de um sistema de diferenças. A ausência de significado transcendental amplia indefinidamente o campo e o jogo da significação (DERRIDA, 2005, p. 232).

Apeguemo-nos exclusivamente ao termo indefinidamente. No jogo da significação existe um sentido como alerta para que presença-ausência dissolva-se enquanto conceito e associe-se ao campo linguístico das construções narrativas que, no mundo das redes, contextos são criados como formas de evitar as utopias e as ideologias (obsessão pelo passado). Entretanto, essas manifestações no contexto cibernético tornaram as narrativas descentradas de forma a não haver mais como fazer exigência que compreendam os pares antitéticos de experiência e expectativa. As expectativas estão fundando a experiência sob as vias de uma historicidade cotidiana e ritualizada (KOSELLECK, 2000; 2006; BOURDIEU, 2014). Nos termos de Martin Heidegger, a condição cotidiana da expectativa do tempo não é o problema, mas a historicidade limitada a esse cotidiano dissocia o *aí* do ser do *Dasein* (HEIDEGGER, 2009).

Com certeza, essa experiência memética da historicidade não integrou as ocupações de Jacques Derrida. Os processos de desconstruções estão sob uma linguagem onde a memória filia-se a estímulos algoritmos não lacanianos e reduz-se às sensações, podendo ser traduzidas sob os memes e a comicidade. Essa realidade histórica que nos localizamos produz efeitos de polarizações e equiparações na memória que sinalizam para o desinteresse pela história. O aprendizado histórico escapa das formulações competentes de orientação científica e aloja-se nas ritualizações e na infantilização. Então, compreender esses processos meméticos como ideia (metáfora genética/interação *on-line*) mecânica, puramente, ou cômica, torna-se um ponto fundamental para pensar as relações história/memória.

DISTÂNCIA (HISTÓRICA)

As discussões até esse momento não se deixam agradecer pelos esforços existentes na epistemologia da história ainda que essa epistemologia congregue em si um coletivo singular. Nesse momento, duas frentes de discussões se abrem como percurso de expectativa em torno da ambiguidade ou ambivalência entre história/memória. Existe um campo de batalha que

envolve relações entre a Ciência e seus críticos exóticos (BOURDIEU, 2014). Se, de um lado, existe a insistência intelectual pela separação precisa entre história/memória, por outro lado, existem também os desinteressados pela história ligados aos critérios da opinião, ou seja, polarização *versus* equiparação (ASSMANN, 1991). Entretanto, é preciso ter mais cuidado quanto às afirmações que acabaram de ser realizadas. Esse cuidado orienta-se sob um princípio de incerteza quanto à segurança incerta existente na historiografia como analítica da experiência da historicidade e na crítica dessa analítica como redução da memória ao critério de propriedade sob o regime de uma historicidade memizada. Então, o percurso de expectativa que realizamos propõe a inversão teórica como tentativa de compreensão desse fenômeno social do desinteresse pela história. Essa inversão manifesta-se na superposição da memória como reflexão da história. Entretanto, essa inversão superposta não pode ser confundida com as invocações das práticas de oralidade como correspondentes das narrativas de si ou da experiência como vivência que privilegia a fonte – poder de ditar o que se deve ser produzido como pensamento histórico (KOSELLECK, 2000).

Essa reação que parece ser absurda não o é considerando a discussão relativa à função memética como manifestação de uma ideia. Essa especificidade não se relaciona com reivindicações de cunho historiográfico onde a realidade convencionou-se no interior de uma disciplina em disputa sob suas agendas interdisciplinares. Movimentar-se a partir da consideração em torno do veto da fonte, se começa a compreender que as interpretações do tempo estão enraizadas nas formas disciplinares especializadas e fora delas. Esse fora pertence ao cotidiano que replica formas memizadas de ideias que incluem moral e comicidade.

Em outros termos, essas formas complementares estão ditando a relação de temporalização. O que acontece atualmente canaliza o distanciamento não em relação a supressão da percepção imediata por uma analítica, mas da supervalorização das emoções e sensações a partir da simplificação dos argumentos em ideias ou no risível. Essas ideias configuram o distanciamento em relação ao que o conceito de distância (histórica) representa. O imediato está para uma ideia como representação. Nesse caso, voltaria atenção para a defesa da teoria da representação onde representação e apresentado não possuem distância. O que importa são os aspectos que sintetizam uma diversidade que, combinada na comicidade, o absurdo, a desarmonia e o desagradável, deixam de causar pena, distorção ou banalidade e passam a representar aspectos de potencial moral e não exclusivamente cômico (DELAGE, 1919; BERGSON, 2011a; ALBERTI, 2002). Entretanto, haverá necessidade de outras linhas para a compreensão dessa tensão entre mecanização, desinteresse, absurdo e moral.

Porém, não se pode confundir a discussão da teoria da representação com as formas meméticas da historicidade. A sublimação inerente a essa teoria se distorce pela comicidade das ideias ou das ideias como limitação do agente participativo. Essa disposição estética da experiência não é pragmática no sentido hermenêutico e nem da teoria da representação. Há disjunção entre retórica (prova) e estética que promove a incapacidade de compreender a superfície como processo geológico ou arqueológico. A comicidade se aproxima da moral justamente pelo fato de tornar o desagradável tensionado em relação ao desarmônico. A moral não se perde porque juízos de valores são formados e replicados a partir da memização da historicidade. O acontecer aliena tempo e espaço sob o contínuo agora. Seja através de uma notícia acelerada e cheia de convenções retóricas de um comentarista de política como Caio Coppolla ou das charges de André Guedes, o que está implícito é o meme. Então, essa forma memética de compreender o mundo replica-o como constructo da linguagem. Não se trata de distanciamento ou encurtamento, essas formas simétricas de pensar o tempo perdem significação historiográfica e povoam a comicidade que inclui a mimética como maneira de distorção entre causa e efeito, assim como o sentimento de pena em relação ao outro por torná-lo motivo de risada. Entretanto, esse risco iminente da comicidade, canaliza e viraliza nos cérebros/corpos manifestações de uma metáfora genética assim como efeitos não risíveis.

Essa movimentação da notícia que visa combater, sob a instituição de um inimigo, se constitui como replicação. Um comentarista político que toma seus interlocutores como adversários, por amontoá-los na divisão de seus quadros divididos na tela da TV a cada edição – análogos aos ringues de UFC –, possui como única e exclusiva mensagem: o meme presidente. Nisso conjunta-se, sob um custo o que custar, a ideia dessa presidência sob a ritualização ou comicidade. Independentemente, o meme (metáfora genética ou da internet) viraliza porque há uma ideia de replicação. Motivo pelo qual, não importam os termos, as evidências são tomadas por indícios onde a realidade é aquilo que o discurso representa. Assim, os expectadores só precisam demonstrar pena ou surpresa em relação ao absurdo traduzido nas ideias de um personagem do diálogo como meme.⁹ Então, não são os

⁹ A redução ao personagem do diálogo conduz à opinião decorrente do juízo de valor (julgamento) ou jornalismo de efeito moralizante – a exemplo das batalhas que simulam debates na CNN Brasil com o quadro “O Grande Debate” (2020) com a participação de Caio Coppolla. Nessa historicidade memizada, há concentração em elementos metafóricos dos trópicos do discurso aproximativos da comicidade pela redução da criação ao tema da arte que circula o cotidiano. Esse personagem do diálogo impõe aos debatedores – como uma batalha de rap regrada a insultos e ironia – um arranjo que combina performance corpórea e ritualização da informação que simula compreensão da contingência, pois produz a disjunção entre apropriação e distanciamento. Esses personagens do diálogo ficam enjaulados na pseudocontingência que simulam um campo de referência porque o desprezo pelo conceito é compensado pelo absurdo (cômico/pena) que produz verso e reverso do tempo como representação de uma arte limitada à caricatura das representações (DELEUZE; GUATTARI, 1992; RICOEUR, 2000; BERGSON, 2011ab).

argumentos que constituem a ideia, mas as ideias combatem memes rivais na medida em que se replicam a partir de seus reforços nos argumentos de uma historicidade memizada.

Seja nos comentários de política ou na charge, o meme está para uma função moral que pode ser acrescida de comicidade. Meme e comicidade estão sendo compreendidos como ambivalência de complementaridade, porém, nas manifestações de Caio Coppolla o que marca sua memética consolida-se a partir de uma batalha que visa eliminar os memes rivais à ideia de presidente como replicação. A notícia é transmitida sob um cenário onde os debatedores se colocam para o espectador na lógica maniqueísta. Entretanto, ali não se ocupa com a capacidade demonstrativa e pragmática da análise, mas de estabelecer a batalha dos memes.

Há ideias como simplificação da realidade através de jogos de palavras em ritmos diferentes que oscilam entre aceleração e parada. De um lado do quadro, a representação da impaciência em relação aos argumentos analíticos e dialéticos oriundos do probatório como supressão da percepção apaixonada – do personagem antipático – e, do outro lado, a tentativa de apresentar os jogos pirotécnicos inerentes a essa forma acelerada – do personagem simpático. De toda forma, o personagem antipático é o que chama a atenção, ele pode causar pena no espectador ou seus argumentos serem tomados como absurdos e provocar o riso. Por outro lado, o “jornalista” é meme porque ele está ali para reforçar, como primeira pessoa, a pré-adesão do público, como terceira pessoa, que não deseja que nada lhe seja acrescido. Assim, os jogos pirotécnicos que motivam a denúncia da segunda pessoa (análise) acabam por enquadrar essa mesma denúncia no inconveniente (motivo de pena) ou no distanciamento do espectador da emoção, motivo que poderia despertar nele a censura da primeira pessoa (o comentarista político). Essa batalha dos memes rivais pode, independente das consequências, deixar escapar o riso mesmo se tratando de temas delicados como COVID 19, inflação, desemprego ou ética de responsabilização, por exemplo.

Na manifestação da notícia como historicidade memética, nas disputas de separação entre fato e *fake*, há nessa ambivalência o princípio da ingenuidade não cômica reproduzindo-se nas batalhas dos memes. Não são os argumentos que convencem, mas transpô-los em roupas que agasalham as sensações afloradas que se aproximam do risível. Então, a sociedade se fragmenta e polariza assim como pode ser um efeito do cômico, ou seja, o riso pode responder a questões de moral decorrentes da exigência social a partir de sua politização como resposta ao inconveniente provocado por ele. Por esse motivo, não é absurdo considerar o riso um complemento entre desarmonia e desagradável (DELAGE, 1919; ALBERTI, 2002). E, nesse momento entra em cena a complexidade da ambiguidade entre acréscimo do real e

empréstimo porque o risível coloca em evidência a afirmação de Alberti em relação a ambivalência do riso em Bergson, ou seja, do riso como punição e não prazer. Uma exigência na qual o riso possui suas raízes na censura presente na realidade social, um desprazer a ser combatido.

Com a comicidade no meme, a história se torna motivo de riso devido ao fato da realidade estar desconectada do fardo do passado. O futuro abre-se sob a esperança traduzida nas emoções e sensações afloradas a partir de sentimentos (profundos) de moralização da vida. Um inconsciente não explicado ou alcançado, mas traduzido sob o desagradável, desarmonia e absurdo que o cômico consegue agregar sob o imediato como interação (DELAGE, 1919; BERGSON, 1919; 2011a; FREUD, 1991). Entretanto, como acréscimo do real, a expectativa do tempo no cotidiano inclui a comicidade para além da pura mecanização ou distração porque existe uma reivindicação apreendida no riso como pulsão de moralidade. Nesse momento, para além da discussão bergsoniana do cômico como desinteresse, a comicidade está cumprindo um papel real na historicidade memizada.

Entretanto, o que ocorre é uma ritualização do cotidiano em relação ao que a flexibilidade da vida representa a partir de suas manifestações de exigência em torno do fardo do passado. Então, será mesmo que a mecanização descrita por Bergson é uma ambivalência em relação ao prazer? Parece, neste momento, que Gilles Deleuze e Félix Guattari estavam certos: a comicidade tem relação direta com o pegar por trás – inesperado. Por exemplo, no caso de um texto, para além de compreender as relações semânticas, o leitor fica surpreendido pela personalidade do personagem conceitual como correção não punitiva, mas prazerosa (DELEUZE; GUATTARI, 1992; BERGSON, 2011a). Isso porque nas considerações de Alberti a ideia de riso em Bergson relaciona-se sob a condição ambivalente em sentido antagônico. Compreender o riso como castigo e distração, mecanização e prazer, não faz sentido. Se uma pessoa tropeça e cai a partir de uma distração ou rigidez da vida, como manifestação do inesperado, o cômico surge como correção e o riso é manifestação social que compreende uma distorção da realidade. Então, buscar no social a resposta do riso o transforma em punição. Por outro lado, se o cômico for enxergado sob a lógica dos sonhos, há aí uma relação direta com o prazer. Para Alberti essa relação disjuntiva simultânea que existe no riso bergsoniano não é capaz de explicar por que o cômico faz rir assim como instaura uma contradição no sentido da distração (ALBERTI, 2002).

MEMÓRIA AUTOMATIZADA

A forma automatizada da memória coloca-nos em um anacronismo entre memes e disposição energética – escatológica ou arqueológica (MILNER, 2012; ASSMANN, 1991). Isso significa que a ideia de automatização implica na historicidade memizada uma apreensão onde ela esteja entre interação, metáfora genética e retorno subjetivo. Então, até aqui foi-nos possibilitada uma reflexão que assentou a dimensão dos memes em complementaridade com a comicidade. Ou seja, uma discussão que precisou marcar uma fragilidade em torno do conceito de distância (histórica). Por outro lado, o processo de automatização decorrente dos memes e da comicidade não cumpre o papel de Eumenestes e Anamnestes descritos por Assmann porque a atualização não se ordena sob o processo onde o gênio ligado ao retorno subjetivo haja sob um princípio de racionalidade em decorrência da experiência de historicização. Pelo contrário, quando se trata de meme da internet, a ideia bloqueia esse sentido histórico oscilante entre recordar e esquecer, pois a automatização replica a disputa entre memes rivais. O distanciamento está para uma negação da distância (histórica) e agarra-se a um inconsciente do risível não disposto a racionalizar consequências naturais ou das próprias ações como, também, representação de uma ativação da ideia ausente de propósito (ASSMANN, 1991; DAWKINS, 2016; LACAN, 2001).

É importante afirmar que a disjunção entre experiência de historicização e retorno subjetivo coloca em desajuste a ideia de um sentido histórico – ontológico ou historiográfico – o que abre precedente para a mecanização da vida refletida na comicidade e nas intrigas narrativistas decorrentes das descentralizações dos signos. A perda de sentido ou o desinteresse pela história corresponde a complementaridades da falta de visibilidade da história e da realidade sem densidade. Existe aqui a sugestão de um novo regime de historicidade – do tempo não cronótopo, presentista, crítico ou massa-disposição – mas, de uma historicidade memizada.

A perda do sentido histórico corrobora para a desolação existente a partir da experiência de historicização porque a agenda do dia é deslegitimar a justificação da distância (histórica). Ou seja, se não há mais necessidade do historiador construir as pontes entre passado e presente, sua narrativa é conduzida para o limite do discurso e da inutilidade. A agenda a ser cumprida é com os constantes agora, ou seja, grandes elaborações e de fôlego são substituídas por memes que cartunistas defendem como poder de tornar simples a

complexidade.¹⁰ Isso significa que a (in)formação está sendo endereçada sob jogos imagéticos, cômicos e estigmatizados capazes de apreender o sentido que a Ciência não consegue transmitir no cotidiano.

Não precisamos de esforço para compreender que o passado está em disputa e, no cenário atual, as defesas de um passado que exige o alter ego do historiador estão perdendo espaço social entre os atuantes dos meios que replicam a expectativa do tempo no cotidiano. A perda de significação social das elaborações retóricas sofisticadas para os memes estão deixando os especialistas do tempo taxados de produtores do inútil. Então, não se trata de uma crise na história ou de uma perturbação do sentido, o contexto dos neonacionalismos reinventa o discurso performativo. E, poderia mencionar que reativamos, em definitivo, o poder da memória coletiva como veto à justificação do histórico sob o princípio de racionalização (ANKERSMIT, 2005; 2012; MARTINS, 2020; HALBWACHS, 2002; KOSELLECK, 2000; 2006).¹¹

Reativar o poder da memória coletiva representa, neste momento, tensão na defesa de serem história/memória determinadas por ambivalência de complementaridade. Isso porque Maurice Halbwachs dissociou memória e histórico por localizar a primeira no contexto de grupos que visam continuamente afastar o critério da dúvida (HALBWACHS, 2002; CANDAU, 2011). Realidade que, incluindo contextos *on-line*, se torna indiferente aos esforços que localizam a memória para além da dimensão do meu ou da propriedade. Recordar e esquecer passa por um processo de significação não concebido onde o imediato represente o reencontro da experiência de historicização com o retorno subjetivo (ASSMANN, 1991). Essa disjunção abre espaço para os memes e para a comicidade que, na ambiguidade entre acréscimo do real e empréstimo, a moral aparece e simula que esses contextos de interação se tornem verossímeis (BERGSON, 1919; 2011ab). Essa simulação

¹⁰ Como exemplo, podemos citar o cartunista André Guedes em entrevista cedida ao “Renova Mídia” em relação ao seu personagem de “As Aventuras do Bolsomini”. Na ocasião, em uma de suas falas após ser indagado acerca da transmissão de ideias e reflexão, sua resposta foi de atestar ser essa uma das finalidades das charges. Algumas viralizam porque possuem como *status* a capacidade de tornar argumentos complexos em simples.

¹¹ Vale ressaltar que nos argumentos de Jörn Rüsen, esse problema da perturbação do sentido não se reduz aos neonacionalismos, mas também, como afirmamos antes, faz parte de um luto da história. A comemoração da perda de seu objeto, que pertence ao próprio eu (humano), introduziu sintomas de desorientação na pós-modernidade como representação da queda do eu (sujeito). A distopia estabelece crise na compreensão do tempo ou estimula seu abandono filosófico – a exemplo do próprio Derrida. Há supervalorização dos espaços (práticas/útil) onde o fardo do passado se torna discursos públicos orientados por padrões estéticos e políticos decorrentes da moralização do tempo no cotidiano. Com isso, podemos afirmar que o futuro sofre com o rasgo dos pares antitéticos experiência e expectativa como expressões do futuro passado – para recorrermos, neste momento, a Koselleck. Por isso, Rüsen enfatizou que não podemos confundir ausência de sentido com reorientação de normas e procedimentos científicos. Sua defesa é a de olharmos para a cultura como estímulo para a reconquista do sentido (do eu e do outro) como reforço da autoestima (intercultural e alteridade) (RÜSEN, 2009).

apreende-se a partir de formas não analíticas porque se prendem a batalha dos memes e não a algum tipo de história do conceito – de sua historicidade.

Essa forma negativa de conceber a memória coletiva decorre do fato de não haver na historicidade memizada observação de pares antitéticos (diacronia e sincronia) desfazendo qualquer possibilidade de apreender, por ambivalência de complementaridade, os ganhos de racionalização da memória como massa-disposição e, mesmo, de compreendê-la sob a defesa de fenômenos que carecem de interpretação do imediato não reduzido à percepção enfraquecida (ASSMANN, 1991; BERGSON, 2011ab). Por esse comentário, marcamos dois cenários tensos atualmente: o conceito de distância (histórica) não é satisfatório porque dissocia acontecimento e recordação¹² – não apreende o evento da memória – e, a automatização da memória perde significação hermenêutica porque fica reduzida ao conceito de experiência – idiosincrasias, *déjà dit*, propriedade. Essa realidade, dos cenários, fratura a natureza da memória como duração que tensiona tempo e espaço (ASSMANN, 1991; BERGSON, 2011b; KOSELLECK, 2000; 2006; BOURDIEU, 2014).

Esse assentamento do problema que tentamos vincular à reflexão representa a necessidade de uma leitura da memória que as epistemologias não se ocuparam em fazer uma parada. Por esse motivo, nossa atribuição para a tensão entre experiência de historicização e retorno subjetivo se dá a partir de um contexto social da relação aos memes e da comicidade como desvalorização das paradas analíticas orientadoras das epistemologias da história – contexto do neonacionalismo e populismo onde o campo científico e a ética de convicção estão em contínuo conflito. Realidade que coloca o risível no limite do desinteresse e da punição. Enquanto o riso, através dos memes da internet, cumpre a função de dissimulação do real, as ações políticas são absorvidas por essa dissimulação como forma de minimizar a ética de responsabilização (WEBER, 2013; BOURDIEU, 2014).

E, nesse cenário a compreensão da automatização da memória, como desajuste na ambivalência de complementaridade, torna a massa-disposição canalizada entre o desagradável e o inesperado. Esse desajuste que está diretamente relacionado para causa e efeito exime da necessidade de assumir a responsabilidade em relação às consequências de ações, pelas interações, que não visam compreender a relação entre recordar e conhecimento. A infantilização se aproxima da ignorância porque o distanciamento está sob a comicidade

¹² O problema que podemos encontrar nesse momento é de Halbwachs ter limitado a experiência ao nível da vivência – partilhas e comemorações. Sua reflexão imputou um raciocínio que foi tomado como lógico por descrever a conjunção entre memória e acontecimento se fosse possível que a recordação reencontrasse as percepções de outrora. Ou seja, a memória não pode ser vista como possibilidade de horizonte de sentido, motivo pelo qual memória e histórico são disjuntivos (HALBWACHS, 2001; CANDAU, 2011; GADAMER, 1995).

que utiliza do risível como forma de punição social a partir de moralizações que ignoram elementos externos aos memes, sejam eles manifestações escatológicas ou arqueológicas ligadas à psicanálise ou ao prazer (ASSMANN, 1991; BERGSON, 1919; 2011a; DELAGE, 1919; LACAN, 2001; FREUD, 1991; ALBERTI, 2002). Então, o engajamento partidário da história não é suficiente para reivindicar uma massa-disposição que seja capaz de provar que o sentido histórico está a contrapelo dessas elaborações disputadas pela memória – há ambivalência não complementar no conceito de automatização quando a historicidade se aproxima da mimética e memética.

Entretanto, a massa-disposição que alguns possam reivindicar pode ser também a cilada em acreditar que exista um sentido (pré-dado) decorrente do acúmulo de conhecimento realizado diante a história do campo científico. Então, ressurge uma dialética entre história e memória porque ou a memória está na dimensão de objeto da história ou na de propriedade como vivacidade em detrimento a esterilidade dela. Em ambos os casos, na historiografia, essa memória cumpre uma função disciplinar não apreensível nos debates de Assmann e nem na historicidade memizada. Em relação a Assmann porque ela abordou massa-disposição sob um princípio escatológico e arqueológico que visa apreender as ruínas do passado e o trazer de volta à vida os mortos – sob um messianismo (ASSMANN, 1991). Por outro lado, Assmann atribui ao gênio que se sensibiliza com a desolação do passado (corpos virtuosos) uma predisposição à racionalização compreensiva entre recordar e esquecer para além do armazenamento como apreensão dos espaços de recordação. E essa defesa se desfaz na medida em que nos atentamos para a localização da automatização da memória na historicidade memizada.

Dar atenção para a automatização da memória, para escapar a essa ambivalência não complementar, carece de discussão que se inicia pela defesa da simplicidade. E essa simplicidade está enraizada sob o princípio filosófico concentrado na discussão da ideia de imagem. Pela metáfora do espelho, a imagem não possui relação de natureza com a antecipação ou propriedade. Entretanto, não podemos confundir simplicidade filosófica com simplicidade cartunista. A ideia não se concentra em compreender a simplicidade como antinomia da profundidade, mas em como colocar em superfície aquilo que não pode ser apresentado como acesso difícil ou exigência de especialidade para o contato. Nesse sentido, voltamos nossa atenção para a comicidade aproximada da memória sob o princípio do reconhecimento.

CONCLUSÃO

Como tentativa de encerramento desta reflexão, é possível afirmar que nosso percurso concentrou atenção para alguns problemas relacionados à memória. Primeiramente, devemos atestar que partir do conceito de distância (histórica) recoloca em cenário a crítica de Frank Ankersmit à defesa de metáforas espaciais. Além disso, sob o campo epistemológico, a memória está, na historiografia, atravessada pelo senso de objetivo ou subjetivo, ou seja, entre dialética e alienação. Nossa reflexão já se iniciou considerando que esse princípio é insuficiente porque não possui base reflexiva no campo da sistemática da história. E, através dele, pudemos fazer incursão em um fundamento de Assmann da memória como massa-disposição. Com Assmann não é possível negar a centralidade do corpo na ambivalência de complementaridade que coloca em harmonia o virtuoso e o biológico. Entretanto, colocamos em nossa discussão uma tensão em meio a essa ambivalência defendida por Assmann no momento em que nossa reflexão já se inicia com considerações em relação aos memes – metáfora genética e memético – a ponto de articular a comicidade como complementaridade. E nessa aproximação entre meme e comicidade, nos dispomos a rascunhar uma terminologia onde a mimese se escreva de forma errada para apresentar-se ambígua a ponto de apreender o memético. Esse jogo interno ao termo memizado faz menção ou alusão para uma historicidade distópica que retira da automatização da memória seu *status* disciplinar da história e da massa-disposição (ASSMANN, 1991).

Então, o que fizemos nesse texto foi apresentar um apontamento que possa recolocar no centro a discussão da natureza da memória sem se limitar ao conceito de massa-disposição ou distância (histórica) porque há um contexto que desafia essas perspectivas. Assim, história/memória resistem na retirada da barra que funciona como algoritmo lacaniano e o cone invertido de Bergson para que a experiência seja compreendida nas dimensões do conceito e da categoria. E esse movimento é possibilitado, em nosso entendimento, fazendo uso da sistemática da história como caminho de racionalizar condições de histórias possíveis e horizontes (abertos) de sentido (KOSELLECK, 2000; GADAMER, 1995).

Por isso, como manifestação reflexiva e de abertura para novos dilemas, sugerimos voltarmos ao centro da discussão de Assmann em relação à ambivalência de complementaridade existente nas duas formas de recordações racionalizadas a partir da experiência de historicização e do retorno subjetivo – estratégia que critica a sistemática da história de Koselleck por não comungar com a ambivalência de complementaridade quando o assunto é compreender experiência e expectativa. Um debate que nos parece promissor em

virtude dos pares antitéticos – de não oposição (KOSELLECK, 2000). Essa impressão se expressa na relação história/memória na medida em que tensionamos o conceito de verossimilhança existente em Bergson e a simulação da duração na representação. Um esforço que incluiu, nesta reflexão, um caso específico: historicidade memizada.

REFERÊNCIAS

Fontes

CNN BRASIL. 2020. **O Grande Debate**: já estamos preparados para a volta do futebol? Brasil, 8 de jul. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/search?q=augusto%20e%20caio%20coppolla>. Acesso em: 26 de abr. 2021.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 2020. Augusto deixa 'O Grande Debate', da CNN, após discussão com Caio Coppolla. Pernambuco, 9 de jul. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2020/07/augusto-deixa-o-grande-debate-da-cnn-apos-discussao-com-caio-coppo.html>. Acesso em: 26 de abr. 2021.

GUEDES, André. 2018. **As aventuras do Bolsomini!** Brasil, 23 de nov. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RP16a5OeMSw>. Acesso em: 26 de abr. 2021.

GUEDES, André. 2018. **Zumbis em Brasília Filme (completo)**. Brasil, 10 de nov. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g2H15YHCAXU>. Acesso em: 26 de abr. 2021.

MORAIS, Tarciso. 2018. Entrevista: cartunista André Guedes e "as aventuras do Bolsomini". **Renova Mídia**. Brasil, 28 de fev. Disponível em: <https://renovamidia.com.br/entrevista-andre-guedes-aventuras-bolsomini/>. Acesso em: 26 de abr. 2021.

NETFLIX. 2020. **O dilema das redes**. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/>. Acesso em: 10 de abr. 2021.

Bibliográficas

ALBERTI, Verena. O caso Bergson. *In*: ALBERTI, Verena. **O riso e o risível na história do pensamento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ANKERSMIT, Frank. (Pragmatist) aesthetic experience and historical experience. *In*: ANKERSMIT, Frank. **Sublime historical experience**. California: Stanford University Press, 2005.

ANKERSMIT, Frank. Representação e referência. *In*: ANKERSMIT, Frank. **A escrita da história**: a natureza da representação histórica. Londrina: Eduel, 2012.

ASSMANN, Aleida. Zur metaphorik der erinnerung. *In*: ASSMANN, Aleida; HARTH,

Dietrich (hrsg.), **Mnemosyne**: formen und funktionen der kulturellen erinnerung. Frankfurt: Fischer Taschenbuch Verlag, 1991.

BENTO, Luiz Carlos; GODOI, Rodrigo Tavares; QUADROS, Eduardo Gusmão de. Experiência estética: a pragmática como desilusão da referência e a plasticidade da memória coletiva. *In*: BENTO, Luiz Carlos; GODOI, Rodrigo Tavares; QUADROS, Eduardo Gusmão de. **História (Re)Sentida**. Compreensão Ética e Estética de Arquétipos Autoritários Brasileiros: ensaios de historiografia crítica em contexto de crise de sentido. Vitória: Milfontes, 2022.

BERGSON, Henri. **Le rire**: essai sur la signification du comique. 23. ed.; France: La Gaya Scienza, 2011a.

BERGSON, Henri. **Matière et mémoire**: essai sur la relation du corps a l'esprit. France: Gaya Scienza, 2011b.

BERGSON, Henri. Notes et discussions: a propos de 'la nature du comique'. **La Revue du Mois**, v. 20, n. 119, novembre, p. 514-517, 1919 Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k123562v/f515.item.r=henri%20bergson>. Acesso em: 16 de set. 2020.

BOURDIEU, Pierre. Curso de 15 de fevereiro de 1990/ Curso de 14 de fevereiro de 1991. *In*: BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado**: cursos no Collège de France (1989-92). 1. ed.; São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

DAWKINS, Richard. Gene and culture: an awkward hybrid. **Nature**, v. 290, 26 de march, p. 345, 346, 1981. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/290345a0.pdf>. Acesso em: 01 de set. 2020.

DAWKINS, Richard. Memes: the new replicators. *In*: DAWKINS, Richard. **The Selfish Gene**. 40. ed.; New York: Oxford University Press, 2016.

DELAGE, Yves. Sur la nature du comique. **La Revue du Mois**, v. 20, n. 118, août, 1919. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k123562v/f338.image.r=yves%20delage>. Acesso em: 16 de set. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** 1. ed.; São Paulo: Editora 34 Ltda, 1992.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. *In*: DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DERRIDA, Jacques. Le signe et les signes. *In*: DERRIDA, Jacques. **La Voix et le Phénomène**: introduction au problème du signe dans la phénoménologie de Husserl. France: Quadrige, 1993.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. Recordar/Ordenamento e transmissão da memória social. *In*: FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória Social**: novas perspectivas

sobre o passado. Lisboa: Editorial Teorema, LDA, 1992.

FREUD, Sigmund. El chiste y las variedades de lo cômico. *In*: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. v. 8: el chiste y su relación con lo inconciente. 2. ed.; 2. reim.; Buenos Aires: Amorrortu editores, 1991.

GADAMER, Hans-Georg. Hermeneutik, ästhetik, praktische philosophie. *In*: DUTT, C. (Hrsg.). **Hans-Georg Gadamer im Gespräch**. 2. Auf.; Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **Les Cadres Sociaux de la Mémoire**. Québec: Édition Électronique, 2002. Disponível em:
http://classiques.uqac.ca/classiques/Halbwachs_maurice/cadres_soc_memoire/cadres_soc_memoire.html. Acesso em: 16 de nov. 2021.

HEIDEGGER, Martin. De l'origine de l'oeuvre d'art. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Chemins qui ne Menent Nulle Part**. France: Gallimard, 1962.

HEIDEGGER, Martin. **Tiempo e Historia**. Madrid: Ed. Trotta, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. Historik und hermeneutik. *In*: KOSELLECK, Reinhart. **Zeitschichten**: studien zur Historik. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. Zur begriffsgeschichte der zeitutopie. *In*: KOSELLECK, Reinhart. **Begriffsgeschichten**: studien zur semantik und pragmatik der politischen und sozialen sprache. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 2006.

LACAN, Jacques. La logique du fantasme/La méprise du sujet supposé savoir/De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité. *In*: LACAN, Jacques. **Autres Écrits**. France: Seuil, 2001.

MARTINS, Estevão de Rezende. Historiografia crítica: a história como esclarecimento e emancipação em tempos de neonacionalismos e populismos. *In*: BENTO, Luiz Carlos; GODOI, Rodrigo Tavares; PASSOS, Aruanã Antonio dos (orgs.). **Historiografia Crítica**: ensaios, analítica e hermenêutica da história. Vitória: Ed. Milfontes, 2020.

MILNER, Ryan M. Artifacts: memes as participatory media/Lessons: the world made meme. *In*: MILNER, Ryan M. **The World Made Meme**: discourse and identity in participatory media. USA: University of Kansas, p. 1-23, 285-307, 2012. (Tese doutorado). Disponível em:
<https://kuscholarworks.ku.edu/handle/1808/10256>. Acesso em: 05 de jul. 2022.

RICOEUR, Paul. De la mémoire et de la réminiscence. *In*: RICOEUR, Paul. **La Mémoire, l'Histoire, l'Oubli**. France: Seuil, 2000.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **História da Historiografia**, n. 2, p. 163-209, 2009. Disponível em:
<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12>. Acesso em: 06 de jul. 2022.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da História**: uma teoria da história como ciência. Curitiba: Ed. UFPR,

2015.

WEBER, Max. **Ciência e Política**: duas vocações. 20. ed.; São Paulo: Cultrix, 2013.

WORMS, Frédéric. L'art et le temps chez Bergson: un problème philosophique au coeur d'un moment historique. **Mil Neuf Cent. Revue d'Histoire**, n. 21, p. 153-166, 2003. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-mil-neuf-cent-2003-1-page-153.html>. Acesso em: 29 de set. 2020.

Recebido: 16/11/2021
Aprovado: 12/06/2022